

A IMAGEM DA MULHER NA IMPRENSA DE ESQUERDA NO BRASIL, 1889-1922: UMA EXPOSIÇÃO SUMÁRIA.

HADASSA GROSSMAN

Vamos estudar a imagem da mulher no setor operário, no Brasil, entre os anos de 1889 e 1922: qual era a imagem da mulher, como ela era percebida, compreendida e apreendida por seus contemporâneos. Nossa intenção será avaliar, com um certo recuo, a distância entre o que ela realmente foi e a maneira pela qual foi percebida e apresentada. Procurando estudar a mulher sob estes dois aspectos - o real e o imaginário - parecemos afirmar, até pelo fato de escolher esta abordagem, que se trata de dois níveis separados, distintos e passíveis de definição. (Sejamos prudentes, porque as fronteiras entre o real e o imaginário não são sempre e em todos os lugares marcados e visíveis). Interrogaremos em seguida sobre a natureza deste distanciamento, procurando ver se ele foi influenciado, tanto em um sentido como em outro, pelo fato de que as pessoas que contribuíram para desenhar esta imagem eram militantes operários. Dito de outra forma, gostaríamos de ver se *a imagem que se depreende da mulher foi pintada pelos ideais daqueles que a descreviam ou pelos que se endereçavam a ela.*

Iremos nos concentrar sobre a imprensa operária existente no Brasil durante os anos pertinentes. Os critérios que nos guiaram na nossa escolha foram dois: a ideologia declarada e estampada pelos autores dos artigos, e o período durante o qual eles foram publicados.

Escolhemos o que nos pareceu representativo do período e evidentemente levamos em consideração a maior ou menor facilidade de consultar os jornais da época. Nosso estudo não é exaustivo e não pretende ser completo, mas contribuirá, assim acreditamos, para iluminar a imagem da mulher naquele setor da população operária na qual as idéias libertárias predominavam, no Brasil, no começo do século XX.

A. CONTEÚDO, FORMATO E FREQUÊNCIA DAS PUBLICAÇÕES

A importância da imprensa para o movimento operário em geral e para o movimento anarquista em particular é um fato conhecido e reconhecido por todos aqueles que se debruçam sobre esta época. Gostaríamos de acrescentar algumas informações sobre as publicações da imprensa operária.

Considerando que os anarquistas europeus rejeitaram todo laço formal de organização, os periódicos assumiram um grande número de funções normalmente exercidas por uma estrutura organizada: ofereciam um fórum para as discussões teóricas, assim como para os anúncios e avisos de ordem prática¹.

Também no Brasil, os anarquistas fundaram os periódicos com o objetivo de os utilizar como meio de difusão de seu ideal político, assim como para encorajar, através de suas publicações, a luta do proletariado. Às grandes distâncias de nosso país, somavam-se as dificuldades de encontrar uma língua comum, compreensível aos imigrantes vindos da Europa, assim como aos brasileiros, população humilde e não necessariamente letrada. Se evocamos a crônica falta de recursos que caracterizava o setor operário, se somamos as hostilidades, ou mesmo as perseguições sofridas pelos redatores e administradores, o fato de uma publicação poder existir revelava quase um milagre.

Procurando atingir e influenciar uma certa parte da população, o editor de um periódico de esquerda devia provavelmente escolher, com um objetivo definido e dentro de uma ótica precisa, os avisos e notícias a serem impressos. Em seus artigos, podemos constatar a influência clara de pensadores e teóricos europeus, traduzidos para o italiano, português e espanhol. Os nomes de Comte, Spencer, Darwin, Zola, Ruskin, Gorki, Kropotkine, Tolstoi, Proudhon, Stiner, Nietzsche, Bakounine e Reclus ali figuraram regularmente².

Ali encontramos apelos à solidariedade, balanços sobre a coleta de fundos, avisos sobre as chamadas de greve, ao boicote e a outras manifestações operárias. Anúncios, propagandas e publicidades sobre

¹ FLEMING, Marie. *The Anarchist Way to Socialism*. London, Croom Helm, 1979, p. 10.

² HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão!* São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 124.

outras publicações de caráter militante em favor do proletariado, anúncios de brochuras, panfletos e livros publicados separadamente, enfim, todos os tipos de informação ali figuravam. As atividades e notícias que concerniam às manifestações operárias no mundo inteiro apareciam ao lado de notícias de acontecimentos de outros estados do Brasil. As notícias chegavam, neste caso, seja de dois centros industriais ainda em formação, Rio de Janeiro e São Paulo, seja do meio rural e de plantações isoladas. Os periódicos eram também distribuídos nos lugares os mais distantes, constituindo muitas vezes e desta maneira, o único meio de conhecimento e de contato do qual dispunham os colonos, fossem eles imigrantes ou brasileiros.

O formato das publicações não era uniforme, como podemos suspeitar. Trata-se, freqüentemente, de duas folhas dobradas ao meio, formando uma publicação de quatro páginas, em um papel simples, com letras grandes para os títulos e sub-títulos. Não era por acaso que a maior parte dos redatores eram tipógrafos de profissão³.

³ Algumas observações sobre os problemas de ordem técnica com os quais nós nos deparamos ao longo de nossa pesquisa, concernindo justamente ao levantamento e à leitura das publicações: querendo compulsar os textos publicados há mais de 80 anos, dos quais alguns já quase atingiram o centenário, tivemos de enfrentar certas condições especiais e específicas no tempo e espaço escolhidos. Primeiro, os periódicos só são acessíveis em algumas instituições especializadas, por exemplo, no arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas, São Paulo; no Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro do Instituto Feltrinelli, Milão; no Instituto Internacional de História Social, Amsterdã. Segundo, levando em consideração justamente que os periódicos que nos interessam são antigos, constatamos que eles estavam literalmente em pedaços; em Amsterdã, eles foram reproduzidos em microfichas. Quando começamos ali nossa pesquisa, alguns periódicos ainda estavam acessíveis no original, e podíamos manipulá-los, tocá-los, virá-los, lê-los (como se fôssemos o proletário para quem haviam sido publicados!). Os periódicos reproduzidos em microfichas são melhor preservados e organizados, acumulam muito menos poeira e tomam muito menos espaço que os periódicos em seu formato original, que podem apesar de tudo ser ainda consultados, com uma requisição especial, em caso de necessidade. Terceiro, o próprio material é bastante problemático: certas partes se tornaram impossíveis de se ler, a paginação não é sempre clara ou correta, as datas são às vezes erradas e não estão de acordo com a numeração da publicação, alguns números faltam ou nunca existiram, etc. Apesar destes problemas, pudemos consultar as publicações e tirar preciosas informações.

A leitura das publicações que apareceram durante a época estudada traz para o leitor um grande número de indicações. Lendo nas entrelinhas e escutando "o que não foi dito", poderemos aprender mais do que aparece à primeira vista ou numa primeira leitura. Especialmente no que reporta à mulher, achamos que nossa abordagem é válida e esperamos que frutifique.

No que concerne à frequência e regularidade da publicação dos periódicos que aqui chamamos de "imprensa operária", o único ponto comum a todos eles é a falta de regularidade. De fato, a continuidade da publicação de um periódico anarquista parece refletir aquela do movimento, e as interrupções e hesitações do primeiro poderiam ser o espelho do segundo.

Se houve periódicos famosos, como *A Terra Livre*, *Avanti!* e *Germinal*, que foram os porta-vozes dos anarquistas e socialistas durante anos, houve também muitas publicações que tiveram apenas uma duração efêmera.

Por exemplo, *Avanti!*, o semanário em italiano, começou a aparecer em 1900 e continuou até 1917. Durante estes anos, ele mudou, foi interrompido, e retomou sua publicação: deixou de existir em 1908, ressurgiu em 1914 com o mesmo nome, e com a indicação "Nova fase".

Neno Vasco, anarquista português, editou *O Amigo do Povo* a partir de 1902 até o número 62, datado de 17 de setembro de 1904; a questão da mulher foi ali assiduamente sublinhada, e apareceram numerosos artigos intitulados "A emancipação da mulher", "A mulher operária", etc.

O periódico *A Terra Livre*, editado também por Neno Vasco, foi publicado inicialmente em São Paulo, em 6 de dezembro de 1905 até 8 de junho de 1907; em seguida ele apareceu no Rio de Janeiro até julho de 1908, data em que sua publicação foi retomada em São Paulo e continuou até maio de 1910. Desde o número 3 de 7 de fevereiro de 1906, *A Terra Livre* publicou um apelo de ajuda aos camaradas revolucionários russos; nos números seguintes há o balanço das somas arrecadadas em resposta a este apelo "Pró Rússia Livre"⁴. Em 16 de maio de 1906, o periódico publicou

⁴ O apelo foi publicado por *A Terra Livre*, sem interrupção, a partir do número 3, datado de 7 de fevereiro de 1906, até o número 11, e em seguida os números 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21 e 25, este último datado de 22 de janeiro de 1907. Apareciam seguidamente na página 4, por vezes à página 1, 2 ou 3. Vejamos o texto "A favor de uma Rússia Livre":

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

uma cópia de uma carta escrita por Kropotkine à redação de *A Terra Livre*, agradecendo aos camaradas do Brasil pela sua contribuição aos revolucionários russos. Esta carta foi publicada e comentada pelo periódico *O Comércio de São Paulo*, no dia 6 de maio de 1906, acompanhada da fotografia de Kropotkine e de algumas referências a sua obra⁵. Isto indica a natureza das relações de solidariedade existentes entre São Paulo e o movimento revolucionário russo, sublinhadas pela imprensa de esquerda.

O semanário anarquista *Germinal* conheceu períodos difíceis, mudanças na língua na qual era publicado - do italiano para o português - uma história agitada durante sua publicação, a partir de 10 de fevereiro de 1902 até 1920.

Numerosos periódicos nasceram graças à iniciativa de algumas pessoas que compensavam a falta de fundos e de experiência administrativa com sua coragem e entusiasmo. Desta forma, pudemos contar algumas dezenas de publicações que apareceram muitas vezes durante um curto lapso de tempo, freqüentemente com apenas um ou dois números.

Considerando tudo que acabamos de assinalar, seria ilógico pretender uma "vista do conjunto" sobre qualquer tema abordado pelos colaboradores e editores dos periódicos que se endereçavam ao público operário. A diversidade e a individualidade foram, ao contrário, os traços marcantes dos anarquistas encarregados de escrever, de traduzir e de publicar os noticiários.

Dito isto, vamos tentar descobrir, lendo atentamente estes periódicos, qual foi a opinião dos autores, dos colaboradores e dos editores no que concerne à mulher. Nossa leitura se dará em diversos níveis: o primeiro é aquele da informação clara e explícita, obtida na leitura das notícias que dizem respeito à mulher, suas necessidades, o trabalho que ela exercia, seu

"Camaradas: Ajudemos de maneira eficaz, na medida de nossas forças, os revolucionários que lutam desesperadamente na Rússia pela sua própria emancipação e, em virtude da solidariedade natural que une todos os seres humanos, em todos os países, por todos os acontecimentos, para a emancipação de todos! O apelo em favor da Rússia revolucionária continuará a ser publicado em nossas páginas: seu produto será enviado a Pierre Kropotkine, como já foi feito em outros lugares, para ajudar concretamente o movimento revolucionário russo". O montante arrecadado é contabilizado em seguida.

⁵ *A Terra Livre*. São Paulo. I (9), 16.5.1906, p.01.

salário e as leis que a ela concerniam; o segundo nível de leitura se concentrará sobre o que é sugerido, implícito, sutil, imponderável: neste nível, os espaços, os silêncios, o que não é dito têm importância, assim como aquilo que é enunciado "preto no branco"; finalmente, estudaremos os termos escolhidos para descrever a mulher na imprensa operária, procurando ver se a formulação é de uma natureza ou de uma textura diferente daquela que servia para designar o homem em circunstâncias paralelas.

Neste presente artigo, vamos fazer um apelo ao imaginário - fundamentando-nos em textos reais - para ter acesso ao universo daquele que escreveu ou editou o texto ou o artigo, o aviso ou o anúncio. De fato, um estudo da maneira pela qual os militantes operários sentiam e pensavam sua contemporânea - a mulher do setor operário - não poderia deixar de considerar esta dimensão da análise, este nível de leitura. De forma subconsciente, corporativa, apesar dele e sem controle, o militante deixa transparecer sua idéia da mulher nestes níveis que acabamos de evocar. Levando esta idéia um pouco adiante, estaríamos prontos para afirmar que frente a uma questão direta do tipo "Qual é o papel da mulher na sociedade libertária?" ou "Na sua opinião a mulher é igual ao homem?", a resposta conscientemente formulada pelo militante teria sido provavelmente diferente daquela que revelamos aqui, graças a nossa leitura.

B. UMA ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS EXPLÍCITAS

Chegamos à conclusão de que a mulher era descrita em termos extremos e dicotômicos: mãe ou prostituta, santa ou satânica. Mas, continuando a ler os textos em maior profundidade, e procurando apreender as nuances que ali se encontram, pudemos discernir uma outra dimensão. Vamos procurar apresentá-la aqui, segundo o que se depreende dos escritos, dos avisos e dos anúncios publicados nas páginas dos periódicos de esquerda durante os anos que estudamos.

Para começar, vamos ver a posição dos contemporâneos da mulher do setor operário sob o tema da solidariedade de classe comparada à solidariedade dos sexos. Quando um conflito de interesses aparece entre os dois, decidir qual domina, fazer uma escolha, certamente não é fácil nem simples. E não o era para os militantes da época, homens e mulheres.

Uma pequena notícia apareceu em *O socialista* em 1896, que comenta um livro, *A mulher*, escrito por Bebel:

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

"...É um livro admirável, tanto pelo conteúdo como pelo estilo, sobre a questão da mulher, naturalmente em seu favor e pleiteando sua igualdade legal e social com o homem. Esta obra lhe trouxe grandes simpatias no meio feminino, mesmo entre aquelas que pertenciam à burguesia".

("A Vanguarda", de Buenos Aires, Trad. R. del F.)⁶

Esta notícia assinala que o tema da "igualdade legal e social" aliava as mulheres, fossem elas burguesas ou não. Isto indicaria pontos em comum às mulheres, a todas as mulheres, sem distinção de classe social.

O Protesto, periódico anarquista, publicou em 1900 um artigo assinado por uma mulher, Branca Nery, com título eloqüente: "A mulher: objeto de luxo", cuja idéia é a seguinte: as filhas e esposas dos burgueses, defensoras da propriedade coletiva, também são consideradas como objetos de luxo para decorar as salas, ou como animais domésticos indispensáveis. Para terminar, a autora diz: "esta é a razão segundo a qual a Anarquia não deve ser apenas o ideal dos pobres, mas também dos ricos, porque todos sofrem, em diferentes graus...as injustiças sociais"⁷. Lemos aqui um argumento, apresentado por uma mulher, demonstrando que a exploração da mulher se fazia não apenas no nível da camada social pobre e desprivilegiada, mas igualmente no seio da burguesia. Como já havíamos percebido em trabalho anterior⁸, argumentos parecidos foram utilizados no momento em que o tema do casamento burguês, comparado com a prostituição, foi abordado pelos anarquistas. Haveria então uma identidade de interesses para todas as mulheres, sem diferença do setor ou da classe social à qual elas pertenciam.

Mas uma ou duas "andorinhas" não eram suficientes para fazer o verão. Em geral, o que se sobressai dos textos é bastante diferente.

O semanário *Folha do Povo*, consagrado à "defesa dos interesses do povo" - segundo sua própria definição - possuía uma sessão, a novela, na qual as narrativas e as peças eram publicadas semanalmente.

⁶ BEBEL, Augusto. *O Socialista*. São Paulo. I (31), 13.12.1896, p. 02.

⁷ "A mulher". *O Protesto*. Rio de Janeiro. II (10), junho 1900, p. 03.

⁸ "História Roxa". *Folha do Povo*. São Paulo. I (34), 22.11.1908, p.03.

Em uma narrativa assinada por Catule Mendes, uma moça encontra no baile o jovem Bóris, que a conquista ao falar de suas idéias revolucionárias. Ele é preso, e a governanta da moça fala-lhe que fosse à reunião mantida pelo "Comitê feminino da sociedade cosmopolita dos paladinos das verdadeiras luzes", para que ali pudesse terminar a iniciação começada por Bóris. Este último, com belos olhos e com olhar profundo!... Reunidas em uma sala, todas as mulheres presentes eram velhas, vestiam as mesmas roupas e tinham os mesmos óculos. A presidente, cujos óculos eram os maiores (!), abriu a reunião. "A ordem do dia: discussão sobre o amor livre". Uma mulher pediu a palavra para fazer um longo discurso que terminava por: "*substituamos o casamento pelo amor livre e teremos emancipado a mulher*". E a heroína se interrogou: "*Qual é o significado de tudo isto aqui? Por que elas falam do amor livre, estas mulheres que ninguém pode amar, nem livremente nem à força?*"⁹

A novela continua no número seguinte. A moça quer ver o governador de N., mas para chegar até ele, deve "molhar a mão" do porteiro, do secretário, etc. Ela quer defender Bóris e liberá-lo. Finalmente, ela consegue ver a mulher do governador, Sônia, que ela conhecia e com quem contava. Desde o momento em que ela começa a lhe falar, Sônia a interrompe: "*Como seus brincos são bonitos! Certamente você os comprou em Paris... Em troca de seus brincos, quem poderia lhe recusar alguma coisa?*" Ela retira seus brincos e os oferece. Introduzida na casa do governador, ela começa a lhe falar de Bóris, mas ele a leva para seu escritório para... abraçá-la! Decepcionada, desesperada, a moça foge¹⁰.

⁹ "História Roxa". *Folha do Povo*. São Paulo. I(35), 6.12.1908, p.04.

¹⁰ A respeito dos preconceitos sobre a mulher instruída, em um artigo publicado em 1896, o autor, Tito Livio, descreveu uma camponesa em termos elogiosos, contrastando com a descrição da mulher intelectualizada. "*Quem não consegue identificar à primeira vista o tipo de mulher que se dedicou a sérios esforços intelectuais durante sua vida? Em geral ela é angulosa, parece um ser fora de seu sexo, incapaz de inspirar o sentimento de amor no homem, o qual, freqüentemente, chega a evitá-la*". "O Socialismo e a mulher". *O Socialista*. São Paulo. I(28), 22.11.1896. O autor isenta as mulheres do dever de seguir um regime emagrecedor, já que para ele, a mulher intelectual e angulosa (estes dois traços lhe parecem ir "naturalmente" juntos...) perde por princípio a possibilidade de despertar os sentimentos de ternura no homem!

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

Os nomes Bóris e Sônia sugerem que o drama descrito deve ter-se passado em algum lugar na Rússia. A jovem burguesa - se ela tem uma governanta, ela não é uma jovem do povo - apaixonou-se por um rapaz que consegue inflamá-la e a faz se interessar por suas idéias revolucionárias, graças a seus belos olhos! Intrigada, ela vai a uma reunião na qual vê apenas mulheres velhas que certamente não sabem nada sobre o amor. A imagem da mulher é aqui dicotômica e sem nuances: seja ela jovem, bela e acéfala, inspirando o amor e guiada pelas emoções; seja ela velha, insípida e pálida, fazendo parte de comitês e discutindo intelectualmente o amor¹¹. Em seguida a novela coloca em cena uma mulher de um certo nível social que não hesita em sugerir que lhe ofertasse presentes antes de intervir a favor da heroína; ela se coloca no mesmo nível de seu porteiro e seu secretário. A mensagem é clara: não há solidariedade entre as mulheres, mesmo que, como na narrativa, elas pertençam à mesma classe.

Em suma, segundo o que acabamos de ver, para o militante operário da época, a fronteira, a separação, os interesses das pessoas encontram-se agrupados em torno da classe à qual pertencem, e não em torno do grupo sexual do qual fazem parte. Certas pessoas, notadamente as mulheres, tinham uma opinião diferente sobre esta questão, o que fez surgirem veementes discussões. A nossos olhos, o exemplo mais marcante para ilustrar o ponto de vista da solidariedade de classe encontra-se em um artigo intitulado "A maravilhosa novidade", publicada em 1901 por *Avanti!*

"A todos os miseráveis de Veneto,...aos esfomeados de Abruzzo, aos famélicos do Zolfatare siciliano, aos imigrantes transportados nas fazendas brasileiras para substituir os escravos, em suma, a todos aqueles que sofreram o martírio desumano da necessidade e da servidão, aqui, apresento uma palavra que os fará sorrir largamente, e que servirá a consolá-los e aliviá-los de suas dores: A rainha Helena esta grávida de seis meses. Isto é afirmado por uma notícia oficial. No momento do futuro parto, os membros da

¹¹ "A maravilhosa novidade". *Avanti!* São Paulo, II (19), 23.2.1901.

municipalidade de Roma irão organizar um encontro na capital, com todos os colegas do belo reino da Itália. Que mais podemos querer? Que alegria, que felicidade!"¹².

A ironia é penetrante. Mesmo tratando-se da função reprodutora, comum a todas as mulheres, as "alegrias" da maternidade não são as mesmas se se é rainha ou uma mulher pobre e que ignore como alimentar e vestir este presente dos céus... Por um lado, tem-se a alegria do país inteiro, e especialmente dos altos funcionários do reino, diante do novo príncipe herdeiro que se anuncia, mas, por outro lado, encontra-se o provável mal humor das autoridades diante da gravidez de mulheres pobres e do aumento das bocas inúteis a alimentar - sem falar dos cuidados aos quais a futura mãe se abandonará, diminuindo seu ritmo de trabalho, usando ainda o pretexto de sua fraqueza para desculpar a queda do rendimento de sua produção, querendo em seguida se ocupar do bebê chorão, etc. A mensagem é clara: as mulheres do povo não têm motivos para se alegrar com a gravidez da rainha. A maternidade não une as mulheres através das classes, o abismo existente entre a rainha e a mulher do povo era demasiadamente profundo para ser coberto pela solidariedade do sexo feminino.

B. PUBLICIDADE DOS GINECOLOGISTAS

No conjunto dos anúncios, avisos, deduções de contribuições recolhidas em favor dos operários, etc., publicados pela imprensa de esquerda, vamos sublinhar um tipo de anúncio que só poderia se referir às mulheres. Trata-se da publicidade feita pelos médicos ginecologistas nos periódicos de esquerda, seguidamente na página 4, aquela que era geralmente consagrada aos avisos de interesse geral. Excluindo a possibilidade de uma leitura por uma pessoa interposta, a saber, pelos homens - o que supõe que eles deveriam transmitir à mulher o nome, o endereço, os horários de consulta do médico - a constante publicação destes anúncios indica a existência de leitoras. Ela revela também o reconhecimento implícito por parte dos médicos do número relativamente

¹² *Avanti!* São Paulo, X(3), (Nova Fórmula), Apêndice, 16.05.1914.

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

elevado das mulheres que poderiam se interessar pelos seus anúncios. Uma parte dos médicos talvez fosse formada por simpatizantes que desejavam sustentar financeiramente a empresa socialista, mas uma outra parte era sem dúvida interessada pelo aspecto prático da questão.

Avanti! de São Paulo, o importante semanário socialista, apareceu inicialmente em italiano, em 20 de outubro de 1900, e foi publicado até 12 de outubro de 1901, logo, durante quase um ano. Em seguida, retomou sua publicação em maio de 1914, com uma nova fórmula. À exceção de alguns poucos artigos, a presença da mulher ali se fez sentir mais pela sua... ausência. Mas dois anúncios de médicos ginecologistas encontram-se no Apêndice do número 3, "nova fórmula" de *Avanti!*, que reproduzimos abaixo. Na nossa opinião, ele se abstém de comentários.

O Dr. FRANCESCO OLIVA

"Especialista em obstetrícia e doenças de mulheres

Clínica e residência:

Rua José Bonifácio, 10

A partir do meio-dia às 4 horas da tarde."¹³

O Dr. CARLO MAURO

"Médico cirúrgico obstetra

Diplomado pela R. Universidade de Roma

e pela Faculdade de Medicina

do Rio de Janeiro

Tratamento da tuberculose pelos métodos

Cervello, Siefreich, Sandere

Tratamento todos os dias de 12 às 3 horas,

em sua residência,

rua Amador Bueno 32 (em Ribeirão Preto)."¹⁴

E duas semanas mais tarde, o seguinte aviso apareceu:

"O Dr. Carlo Mauro

¹³ *Avanti!* Ibid.

¹⁴ *Avanti!* São Paulo, X(6), (Nova Fórmula), 06.06.1914, p. 03.

Hadassa Grossman

Comunica aos amigos e aos clientes que está partindo para a Itália por razão de doença de um membro de sua família e retornará em agosto."¹⁵

Esta pequena e última notícia indica a utilização das páginas do semanário pelo Dr. Mauro para "dialogar" com seus amigos e clientes. Se ele tratava da tuberculose, doença que atinge homens e mulheres, era no entanto, em primeiro lugar, cirúrgico obstetra, e nesta categoria, devia ter a maior parte do tempo, pacientes do sexo feminino. Ele escolheu colocar anúncios no *Avanti!*, logo, contava atingir, assim, mulheres suscetíveis de vir se tratar em seu consultório.

Lemos anúncios semelhantes na *Folha do Povo*, semanário publicado em São Paulo pelo conhecido anarquista Edgar Leuenroth. O Dr. Alfredo Zuquim, cirúrgico e obstetra, ali anunciou a cada semana, a partir do número 19, datado de 26 de julho de 1908, até o número 36 de 13 de dezembro do mesmo ano. O Dr. Almeida Lima, médico, cirúrgico e obstetra, também apareceu na sessão de anúncios (geralmente na página 4), a partir do número 25 datado de 6 de setembro de 1908, ao menos até o número 38 de 31 de janeiro de 1909.

As publicidades pareciam, a nossos olhos, confirmar o fato de que as mulheres dos operários, suas esposas, suas irmãs e suas companheiras folheavam os periódicos e tiravam de lá informações que as interessavam. Elas indicam também, sob o nosso ponto de vista, que os redatores e os militantes eram conscientes de seu peso, de sua força e de sua importância.

C. AVISOS FÚNEBRES

Sem querer ser macabra, nos interessaremos agora pelos avisos de falecimento de homens, de mulheres e de crianças, publicados nos periódicos de esquerda. Esta abordagem iluminará a questão que nos preocupa, a saber: a maneira pela qual as mulheres eram descritas nas instâncias e circunstâncias da vida. Vamos verificar se existia ali uma diferença nos termos empregados para falar de uma mulher e de um homem.

¹⁵ *Democracia Social*. Pelotas, Rio Grande do Sul. I(14), 08.10.1893, p.02.

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

Na coluna "FALECIMENTOS" de um periódico, tomamos conhecimento da morte de um bebê nos seguintes termos:

"Enterrou-se no dia 28 do mês passado o inocente Adelino, com a idade de 11 meses, filho de M. Adelino Rodrigues da Trindade, proprietário do salão Adelino. Nossas condolências."¹⁶

Qualificar o pequeno Adelino de inocente é perfeitamente compreensível, tratando-se de um bebê; mas nos perguntamos se havia ou não uma mãe, ou se simplesmente a omitiram deixando de mencioná-la nesta triste notícia. Seria aqui o caso de um silêncio, de um espaço vazio tão eloqüente como os grandes discursos...

O periódico *O Socialista* fala do falecimento na França de uma mulher, Sra. Dembourg, filânropa generosa que freqüentemente havia sustentado a causa operária. Vejamos algumas palavras encontradas no aviso: *"Excelente, generosa, com boas qualidades, modesta, com elevados sentimentos, com idéias avançadas, com um imenso amor pela humanidade, méritos, abnegação, a amiga chorada"*¹⁷. Não colocamos em dúvida todas as qualidades desta mulher, apenas nos colocamos a questão se estes mesmos termos teriam sido empregados para descrever um filântropo do sexo masculino.

O periódico *Avanti!* anuncia o falecimento da mãe de Alceste de Ambrys, redator do jornal, nos seguintes termos:

"Uma infelicidade gravíssima acaba de chegar estes dias ao nosso Alceste de Ambrys. A mulher - VALERINA RICCI - a mãe afetuosa de nosso camarada, acaba de morrer na Itália, em Ripa, perto de Aulla (Província de Massa Carrava). Munida de uma grande coragem e de sentimentos elevados, estava consagrada inteiramente à família e aos ternos cuidados de seus numerosos filhos. Ela teve uma repentina crise cardíaca. Seu falecimento causou uma grande

¹⁶ *O Socialista*. São Paulo, I(11), 19.07.1896, p.03.

¹⁷ *Avanti!* São Paulo. II (34), 08.06.1901 (original em italiano).

tristeza a todos aqueles que a conheceram ainda jovem. A maior tristeza que se pode experimentar na vida é perder sua própria mãe, e a isto não cabem palavras de consolo. Nós nos fazemos de intérprete de todos os camaradas, limitando-nos a transmitir aqui um cumprimento afetuoso a nosso redator, posto tão duramente à prova e a seu irmão Angiolino, que se encontra igualmente em São Paulo"¹⁸.

A família é percebida aqui como o ponto de origem, como o centro da alegria, e a perda da mãe, afinal um fenômeno natural e previsível, é descrito como sendo "a maior infelicidade". Sabemos que a mãe de Alceste tinha tido muitos filhos, dos quais pelo menos dois haviam deixado a Itália para vir ao Brasil. A nostalgia, talvez um certo sentimento de culpa por parte dos filhos (ou de seus camaradas que se identificavam com eles) por ter abandonado os pais no Velho Mundo pode ser percebido nas entrelinhas. E o fato de se encontrar no Novo Mundo, onde a antiga geração não podia ou não queria estar, longe da mãe nos últimos momentos - é o que se soma ao sentimento de uma grande infelicidade irremediável.

Avanti! publicou um aviso fúnebre intitulado "Gisela Bertoldi", que reproduzimos aqui.

"Nosso camarada A. Bertoldi foi duramente testado pela infelicidade, juntamente com sua esposa. Gisella Bertoldi - a filha - morreu aos 18 anos, depois de uma longa doença, a tuberculose. Era uma flor gentil, cuja fineza da alma tinha seduzido nossa classe. Muitos amigos da família e numerosos camaradas assistiram ao funeral - somente civis - para expressar as sinceras condolências à família Bertoldi"¹⁹.

As condolências são expressas ao pai e à mãe, contrastando com o aviso de óbito do bebê de 11 meses evocado acima. A moça é descrita com as palavras "gentil flor". Observe-se que o funeral não foi seguido de ritual religioso, conforme o ideal libertário.

¹⁸ *Avanti!* São Paulo. II (32), 25.05.1901, p. 03 (original em italiano).

¹⁹ "Camilo Soares". *A Terra livre*. São Paulo, II (24), 06.01.1907, p. 02.

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

Poderemos comparar os termos empregados pelo anúncio do falecimento de um camarada, Camillo Soares, com aqueles utilizados para uma mulher.

"O querido camarada Camillo Soares, empregado no Centro dos Empregados do Caminho de Ferro e redator de O Vehiculo, está morto. Ele conheceu muito tardiamente as idéias anarquistas, embora as tenha assimilado rapidamente e mostrou uma grande capacidade e inteligência para a propaganda. Ele nos falta, especialmente agora. Os camaradas do Rio abriram uma coleta em favor da família do morto, que ficou em uma precária situação."²⁰

Soares é descrito como "inteligente" e "capaz", adjetivos que não encontramos no que concerne ao falecimento de mulheres, não importa o quão inteligentes elas foram. A coleta de dinheiro para a família faz-se quando o responsável pela sua manutenção termina de faltar, e isto acontece sobretudo quando a pessoa morta é um homem, o chefe da família.

O periódico *A Terra Livre* publicou, em 1907, um anúncio da morte do anarquista Pietro Gori, corrigindo-se mais tarde e reconhecendo seu erro: era o pai de Pietro que havia deixado este mundo. Pai ou filho, vejamos os termos empregados:

"O telégrafo nos anuncia a triste notícia da morte do anarquista Pietro Gori, infatigável propagandista da anarquia, advogado, orador forte e eloqüente, que poderia ter tido uma posição brilhante no seio da burguesia, mas preferiu se expor ao seu ódio, e sofrer a prisão e o exílio, para poder expor suas idéias. Orador eloqüente como o camarada Galleani...mas ainda mais poético, mais floreado que aquele, Pietro Gori proferiu centenas de conferências na Itália, nos Estados Unidos, na Argentina..."²¹

²⁰ "Pietro Gori". *A Terra Livre*. II (24), ibid. E também *A Terra Livre*. II (26), 09.02.1907, p. 02 (original em português).

²¹ *Semana Operária*. Rio de Janeiro, I (2), 12.05.1907, p.04.

A narrativa das proezas e das idéias de Gori destaca-se aqui; nem uma palavra sobre sua vida familiar, sobre seus filhos (caso houvesse), como teria sido o caso se se tratasse de uma mulher. Não se fala de seu temperamento nem de sua mentalidade; nenhuma abordagem psicológica para Gori, mas prioritariamente a narrativa de suas proezas intelectuais. Assim, o silêncio, a ausência de certos termos, são eloqüentes e reveladores da atitude da pessoa responsável pela redação e publicação dos avisos fúnebres.

D) AVISOS DIVERSOS:

Agora, nos deteremos em anúncios variados, que possuem em comum o fato de se endereçarem às mulheres, seja por elas ali se expressarem ou por se fazer sobre elas uma alusão direta ou indireta.

O semanário *A Semana Operária* publicou em 1907 um aviso elogiando o trabalho da Sra. O. Bazília, que fazia "chapéus ornados de flores, fitas, etc., para mulheres e moças"²². Sra. Bazília se propunha também a fazer retoques em velhos chapéus. Este anúncio se endereça naturalmente e unicamente aos membros do sexo feminino e, por uma vez, ela apresenta uma mercadoria um pouco "frívola", introduzindo na imprensa de esquerda uma publicidade de moda para as mulheres. Para leitores habituados a ler artigos concentrados em temas sérios como a revolução, a sociedade ou a luta de classes, isto representava uma grande mudança...

Uma notícia, publicada nos seguintes termos pela *Folha do Povo*, despertou nosso interesse:

*"Antônio Paiva precisa falar com a Sra. Delphina de Souza Pereira, filha de M. João de Souza e da Sra. Maria Joaquina, originário do Figueiro, Província do Amarante (Portugal), por motivos que a interessam. Endereçar-se rua Santa Luzia, número 07."*²³

²² *Folha do Povo*. São Paulo, I (36), 13.12.1908, p.03.

²³ *Folha do Povo*. São Paulo, I (10), 21.05.1908.

"A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária"

Geralmente, publica-se este tipo de anúncio em um periódico que, supõe-se, seja lido pela pessoa visada. Ignoramos quem foi Delphina de Souza Pereira e se ela era leitora assídua da *Folha do Povo*, mas evidentemente aos olhos de quem publicou o anúncio em questão, esta era uma possibilidade.

O artigo nomeado "Exploração escandalosa" apareceu na *Folha do Povo* e narra o seguinte incidente: as mulheres de dois empregados da Companhia Inglesa (de caminhos de ferro) se desentenderam, e o chefe dos empregados suspendeu um deles, aquele que ocupava um cargo subalterno. A circular que o anunciava dizia: "*suspende-se o carregador F. porque sua mulher discutiu com a mulher do chefe da estação*". Cabia ao autor do artigo reclamar desta atitude²⁴. Há aqui um ato de repressão comum, referindo-se ao casal; dito de outra forma, se a mulher pecou, foi atingida através de seu marido, que foi, ele próprio, punido. Trata-se do caso em que era a mulher que sofria as conseqüências dos atos de independência, de protesto, de greve de seu marido.

A notícia nomeada "Em defesa da honra" foi publicada pelo periódico *A Defesa* do Rio Grande do Sul, em 1911. Ela narra o processo movido contra a filha de uma respeitada família de Tuparecetã (pequena cidade do estado) por ter expulso com um revólver dois indivíduos que "*atentaram contra sua honra*"²⁵. (Perguntamos se esta expressão é um eufemismo para dizer que eles desejavam violá-la). O título desta notícia parece indicar a aprovação com a qual contava o ato da senhorita por parte do autor dessas linhas.

O mesmo periódico traz uma notícia intitulada "Dona Belen Sarraga":

"Depois de uma brilhante tourné pelo Estado de São Paulo, a livre-pensadora D. Belen Sarraga encontra-se na Capital Federal, onde já deu uma conferência no palácio Monroe".

Sublinhamos o interesse manifestado no Rio Grande do Sul pelas atividades libertárias de uma conferencista cujas atividades levavam-na a efetuar *tournés* em outros estados do país. Observemos ainda o tom neutro,

²⁴ *A Defesa*. Bagé, Rio Grande do Sul, I (30), 01.05.1911, p.03.

²⁵ *A Defesa*. I (30), *ibid.*

livre de preconceitos, da notícia: praticamente as mesmas palavras e adjetivos teriam sido empregados se ela fosse um homem. Temos aqui a exceção que confirma a regra...

Uma notícia intitulada "A usura das mulheres" foi publicada em 1909 pela *Folha do Povo*. Fala-se de um fenômeno descrito por um jornal diário inglês, *Evening Standard*; trata-se de mulheres da classe operária que se tornaram usurárias e perseguidas pela polícia, sem grandes resultados. O artigo termina lembrando que "se uma pesquisa sobre a usura fosse feita no Brasil, especialmente em São Paulo, poderia-se constatar que as ações destas harpias inglesas não eram nem diferentes nem menos nocivas do que aquelas de muitos usurários, entre os quais havia homens-mulheres²⁶. Podemos nos deter nesta última expressão, os homens-mulheres, pois constatamos que a pessoa ridicularizada por esta denominação é aquela, do sexo feminino, que denota características "masculinas" como o cálculo, a agressividade, a busca do lucro, etc. Estes traços parecem caminhar juntos com o sexo masculino, logo, quando são as mulheres que os possuem, perdem sua feminilidade para tornarem-se seres estranhos, ambíguos, homens-mulheres!

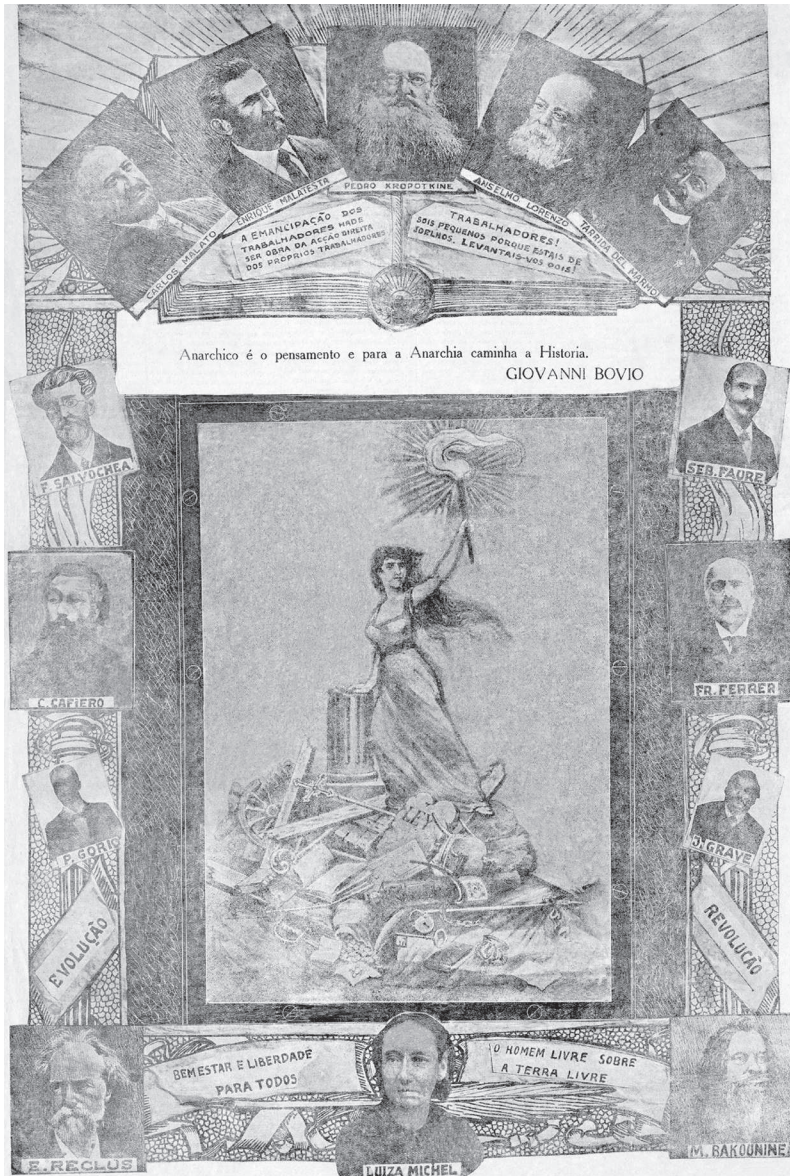
Para concluir, podemos constatar que a ótica dos redatores e colaboradores dos periódicos de esquerda não estava unificada quando se tratava da mulher. Havia aspectos múltiplos: a mulher era, aos olhos de alguns, uma pessoa vaidosa, frívola, preocupada com chapéus e fitas, quase como um brinquedo ou como um objeto de luxo. Para outros, possuía um espírito brilhante, era instruída e capaz de dar conferências às quais assistiam mulheres e homens. Era capaz de se defender caso fosse atacada, podia mostrar-se tão astuciosa quanto um homem, "merecendo" então a designação de homem-mulher...

Tradução: Regina Xavier
Revisão: Sergio S. Silva

²⁶ *Folha do Povo*. São Paulo, I (41), 31.01.1909, p.01.



"I dominatori: - Siamo perduti!"
Il Risveglio, Ano 20, n. 538, 01/05/1920.



A Peble, 1927.